

PRÁTICAS EDUCATIVAS: A PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NA DETERMINAÇÃO DE SEU DIA-A-DIA

Zélia Maria Mendes Biasoli Alves
Regina Helena Lima Caldana
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

RESUMO - As práticas educativas usadas pela família com a criança podem favorecer ou não a aquisição de sua independência. Este trabalho pretende descrever como mães de nível educacional médio-alto lidam com este aspecto na educação de seus filhos de três a oito anos de idade. Para tanto foram entrevistadas 110 mães segundo o Roteiro Reestruturado de Biasoli-Alves e Graminha (1979), e analisadas suas respostas a 43 questões que investigam quem - mãe ou filho - direciona as situações de rotina diária. Os resultados demonstram que as mães mantêm a estruturação da rotina diária deixando um grande espaço para as decisões da criança, exigindo cumprimento de um número pequeno de normas (principalmente nas áreas de higiene e saúde). Este perfil indica preocupação com o desenvolvimento da autonomia da criança; é semelhante ao considerado adequado pela literatura de orientação de pais, e afina-se ao adotado pelas camadas médias urbanas.

Palavras-chave: práticas educativas, aquisição de independência, perfil de rotina diária, famílias urbanas de nível médio.

CHILD REARING PRACTICES: THE CHILD'S ROLE IN DETERMINING THE DAILY ROUTINE

ABSTRACT - Child rearing practices used by the family with children may or may not support the acquisition of their independence, and this project intends to describe how mothers from a mid-high educational level deal with this aspect in educating their children aging from three to eight.

Endereço: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de RP - USP - Departamento de Psicologia e Educação - Av. Bandeirantes, 3900 - 14049 - Ribeirão Preto - SP. Fone: (061) 633-3255/633-1010 ramal 358/373.

Therefore, 110 mothers were interviewed according to the Biasoli-Alves & Graminha's Reestructured Guide (1979) which 43 questions that investigate who - mother or child - directs daily routine situations. The results demonstrate that the mothers maintain the structure of the daily routine, leaving a huge space for the child's decision, demanding fulfilment for a small number of rules (mainly in the health and hygiene areas). This profile indicates concern with the child's independence development; it is similar to the one considered adequate by the parents orientation literature and agrees with the adopted by the urban mid classes.

Key-words: child rearing practices, independence acquisition, daily routines profile, urban mid classes.

Um dos caminhos da socialização, segundo Biasoli-Alves (1985), implica em o indivíduo passar de uma dependência estrita frente ao socializador e atingir a plena independência, agindo por conta própria e assumindo inclusive o encargo da socialização de uma nova geração (sua própria prole).

Para que o desenvolvimento se direcione neste sentido parece fundamental que, além da presença de afeto e técnicas disciplinares mais reforçadoras do que punitivas, o ambiente apresente uma estruturação que sirva como referência para a criança, ou seja algo adaptado às suas necessidades e propiciador da possibilidade de escolhas que evidenciem suas características particulares, num exercício gradual de independência.

Esses aspectos são comumente discutidos em termos do grau de permissividade, autoridade, liberdade, rigidez e controle presente na prática de educação. A partir daí vários autores (Baumrind, 1966; Rutter, 1975; Herbert, 1974; 1975) discutem o balanceamento entre a necessidade de normas que limitem o comportamento, mas que ao mesmo tempo dêem permissão para que a criança se expresse dizendo o que está bom ou não, para que exerça certa oposição ao ambiente, tome iniciativa e seja premiada por isso, sem que os pais se omitam "do papel de indivíduos que já viveram mais e que devem saber dizer o porquê das normas, da autoridade em certos momentos, da inflexibilidade, da exigência" (Sigolo, 1986, p. 7). Baumrind (1966) chega a propor um modelo de "maternagem" que englobaria um conjunto de dimensões e comporia uma forma de agir mais adequada no lidar com a criança, definido como "de autoridade"¹; entre outras coisas, esse modelo pressupõe uma base de afeto onde se assenta um controle que não restringe os direitos da criança nem suas responsabilidades, e as exigências são feitas pelo adulto de acordo com o momento e as possibilidades dela.

¹ Tradução dada ao termo inglês "authoritative".

Há muitas posições em parte semelhantes e em parte discrepantes com esse modelo, como a de Schaefer (citado em Rappaport, 1981) propondo que o ideal entre controle (muitas restrições, rigidez) e autonomia (promoção de independência) fica mais perto deste último.

Direcionando para pesquisas dentro da realidade cultural brasileira, Dias da Silva (1986) coloca que da década de 30 para a de 80 houve, em termos do ideário adotado pelas mães, um aumento progressivo da valorização da independência da criança e uma diminuição do nível de exigências e demandas propostas aos filhos, ainda que a rigidez absoluta nessas exigências não tenha sido característica nem das mães do início do período enfocado. Biasoli-Alves (1989) aponta um movimento do mesmo tipo ao afirmar que nos últimos vinte anos houve, de maneira geral, valorização da flexibilidade e condenação da rigidez, enfatizando ainda que o modelo atual vem de uma evolução em que num primeiro momento foi questionado o excesso de controle, e num segundo o oposto: a falta de controle e limites.

Essas idéias embasam a presente pesquisa que se propõe a descrever como uma amostra de mães relata as condições oferecidas à criança para que ela participe da determinação e estruturação de seu dia a dia.

MÉTODO

Amostra

Foram entrevistadas 110 mães segundo o Roteiro Reestruturado de Biasoli - Alves e Graminha (1979)², com um filho entre 3 e 8 anos de idade, que atenderam a uma solicitação de participação feita através de carta distribuída em duas escolas de primeiro grau de Ribeirão Preto³. A amostra composta apresenta as seguintes características:

- concentra-se na faixa etária de 30 - 39 anos;
- é predominantemente de nível educacional alto, seguido pelo médio;
- distribui-se de maneira equivalente entre mães que exercem ou não uma atividade profissional;
- distribui-se equitativamente em função do sexo da criança focalizada.

Análise de dados

Foram relacionadas para análise 44 questões⁴ que investigam a forma como a rotina diária acontece, em termos da existência de regras e seu conteúdo, e do dire-

² Esse roteiro prevê a investigação da Prática de Educação utilizada pela mãe focalizando especificamente um de seus filhos, e abrangendo as diversas áreas da rotina diária (alimentação, sono, choro, atividades, contato social, contato físico e emocional, hábitos de higiene, escola e disciplina).

³ As duas escolas (uma particular e outra estadual) atendem a uma clientela de nível econômico médio e médio alto.

⁴ Estas questões dividem-se entre as diferentes áreas da rotina diária, sendo (14) na de alimentação, (13) em sono, (7) em atividades, (3) em contato social e (7) em hábitos de higiene.

cionamento das atividades (pela mãe ou pela criança), através de alternativas oferecidas em questões fechadas ou de questões abertas do tipo dicotômicas.

A partir do levantamento das alternativas já propostas pelo roteiro, e das respostas nas questões abertas, estruturou-se o seguinte sistema para classificação das respostas:

- Determinação da mãe: a mãe direciona a situação - respostas do tipo "sempre é a mãe que escolhe";
- Determinação conjunta: a direção da situação fica a cargo de ambas, mãe e criança - respostas do tipo "às vezes a mãe escolhe e às vezes a criança escolhe";
- Determinação da criança: a criança direciona a situação - respostas do tipo: "sempre é a criança quem escolhe".

Calculou-se a freqüência simples e a porcentagem para cada classe de respostas por questão; posteriormente os dados foram agrupados segundo a área, construindo-se perfis em separado para mães de meninos e de meninas, e novamente reagrupadas na construção do perfil geral da amostra.

RESULTADOS

A Figura 1 traz o perfil da amostra. Verifica-se que há um grande espaço para a criança, quer em decisões conjuntas com a mãe, quer sem a interferência desta.

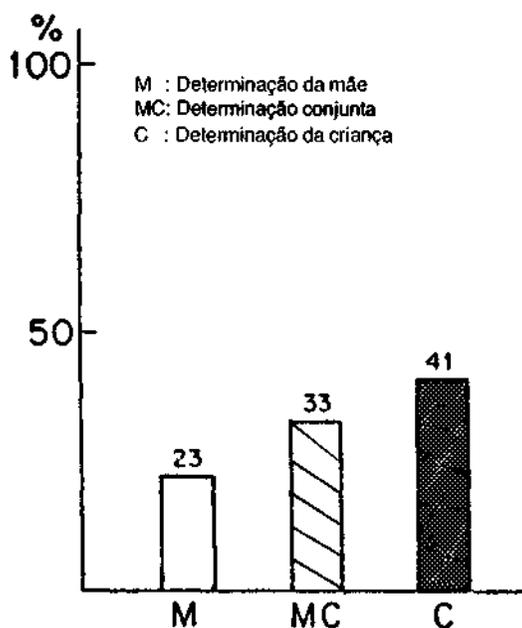


Figura 1 - Perfil da amostra em termos da participação da mãe e da criança na determinação da rotina diária.

A Figura 2 mostra que a distribuição na participação sofre variações dependendo da área em questão. Há maior participação da criança em alimentação, atividades e contato social; ao lidar com sono são menos comuns as determinações conjuntas. Para hábitos de higiene a presença da mãe é mais acentuada, ainda que ela decida principalmente em conjunto com a criança.

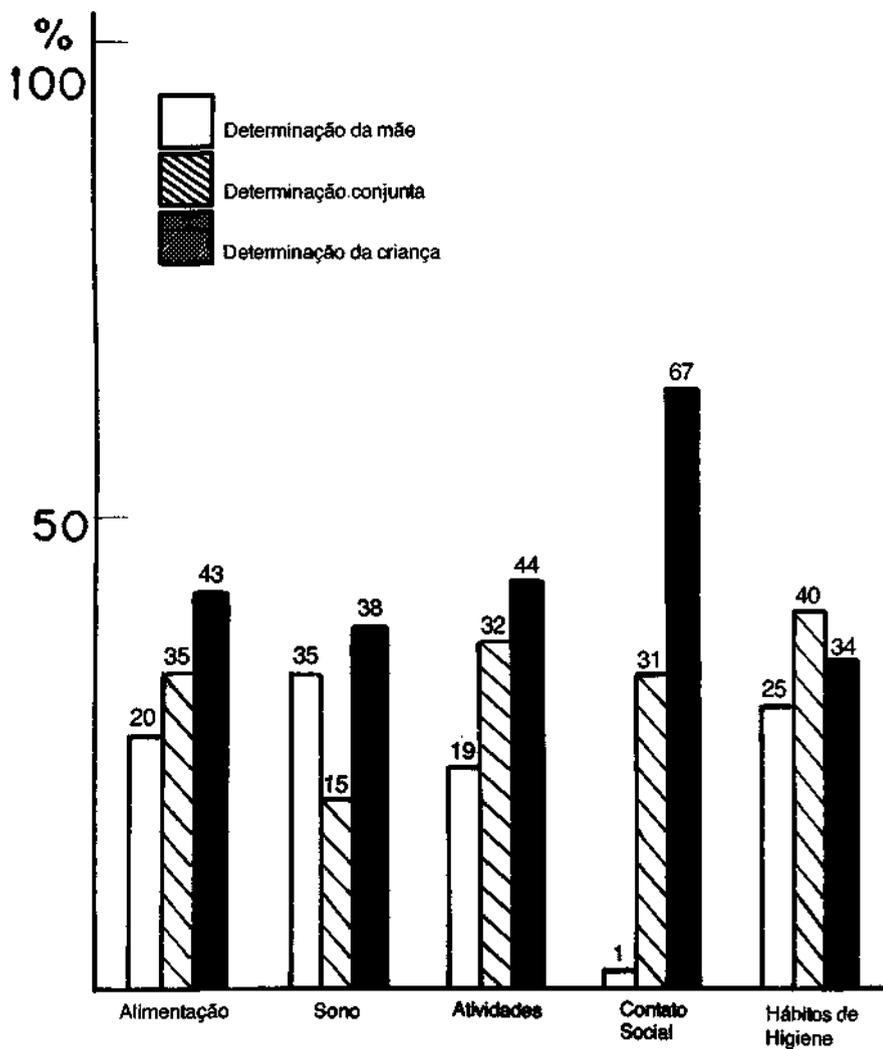


Figura 2 - Perfil da amostra em termos da participação da mãe e da criança na determinação das atividades da rotina diária nas áreas de alimentação, sono, atividades, contato social e hábitos de higiene.

A análise por questão diz que em alimentação (Tabela 1) fica mais por conta da criança o quê e o quanto comer (sendo ela inclusive sempre atendida nos seus pedidos especiais), o uso ou não de talheres, e a opção por colher ou garfo; não é exigido que fique na mesa até que todos terminem e nem que não "deixe resto". As mães exigem um pouco mais, embora considerando a criança, o horário, local e uso da TV na refeição; controlam as interrupções da refeição e o "lambiscar".

Tabela 1 — Porcentagem de respostas das mães de meninos e de meninas nas classes indicativas de sua participação e da criança na determinação dos diversos aspectos investigados na área de alimentação.

SITUAÇÕES	MÃES DE MENINOS (%)	MÃES DE MENINAS (%)	TOTAL (%)
Horário para refeições			
D.M.	45	33	39
D.M.C.	48	54	51
D.C.	05	13	09
Comer na mesa com todo mundo			
D.M.	43	35	39
D.M.C.	41	39	40
D.C.	16	23	19
Levantar-se ao terminar de comer			
D.M.	16	19	17
D.M.C.	14	21	17
D.C.	67	58	62
O que comer			
D.M.	07	11	09
D.M.C.	43	38	41
D.C.	50	48	49
O quanto comer			
D.M.	10	10	10
D.M.C.	27	17	23
D.C.	63	71	67
Sair e voltar para a mesa durante a refeição			
D.M.	16	18	17
D.M.C.	49	54	52
D.C.	31	26	28
Comer aquilo de que não gosta			
D.M.	07	02	05
D.M.C.	19	30	25
D.C.	72	62	67
Comer fora do horário			
D.M.	25	20	23
D.M.C.	49	65	57
D.C.	24	15	20
Comer tudo o que tem no prato			
D.M.	07	16	11
D.M.C.	29	31	30
D.C.	64	51	58
Ordem dos alimentos nas refeições			
D.M.	40	38	39
D.M.C.	32	23	28
D.C.	26	35	30
Uso dos talheres			
D.M.	07	13	10
D.M.C.	09	11	10
D.C.	79	74	77
Comer com a mão			
D.M.	33	25	29
D.M.C.	24	26	25
D.C.	41	49	45
Fazer a refeição vendo T.V.			
D.M.	17	31	24
D.M.C.	53	51	52
D.C.	28	16	22
Atender pedido especial de comida			
D.M.	--	02	01
D.M.C.	50	43	47
D.C.	48	55	52

D.M. = determinação da mãe; D.M.C. = determinação conjunta; D.C. = determinação da criança

Práticas educativas

Na hora de dormir (Tabela 2), as mães deixam à vontade da criança o despedir-se (com "boa noite", "bênção"), a possibilidade da luz acesa no quarto, que a criança leia, brinque com algum jogo já na cama, que durma com um bichinho de estimação, e que chupe o dedo ou chupeta. Entretanto elas exigem que a criança durma com o pijama, escove os dentes e não coma nada depois, durma na própria cama, deite e não se levante mais.

Tabela 2 - Porcentagem de respostas das mães de meninos e de meninas nas classes indicativas de sua participação e da criança na determinação dos diversos aspectos investigados na área de sono.

SITUAÇÕES	MÃES DE MENINOS (%)	MÃES DE MENINAS (%)	TOTAL (%)
- Dizer boa noite			
D.M.	35	33	34
D.M.C.	16	22	19
D.C.	49	43	46
- Dormir de pijama			
D.M.	57	67	62
D.M.C.	25	27	26
D.C.	18	06	12
- Escovar os dentes			
D.M.	55	62	58
D.M.C.	27	18	23
D.C.	18	18	18
- Dormir na cama			
D.M.	40	42	41
D.M.C.	33	26	30
D.C.	23	32	27
- Horário de dormir			
D.M.	29	31	30
D.M.C.	36	41	39
D.C.	28	27	27
- Levantar da cama e voltar a brincar			
D.M.	54	55	54
D.M.C.	27	29	28
D.C.	19	16	18
- Levantar e ir para o cômodo em que a mãe está			
D.M.	30	29	29
D.M.C.	30	47	38
D.C.	41	24	33
- Dormir com luz acesa			
D.M.	09	12	10
D.M.C.	02	05	03
D.C.	89	64	87
- Ver livros e brincar na cama			
D.M.	21	29	25
D.M.C.	23	37	40
D.C.	56	29	43
- Comer ou beber na cama			
D.M.	32	43	37
D.M.C.	38	27	33
D.C.	28	28	28
- Dormir com bicho de estimação			
D.M.	—	—	—
D.M.C.	05	14	10
D.C.	86	81	84
- Chupar chupeta ou dedo			
D.M.	15	17	16
D.M.C.	15	08	12
D.C.	69	75	72

D.M. - determinação da mãe; D.M.C. - determinação conjunta; D.C. = determinação da criança.

Na determinação das atividades da criança ao longo do dia há, na visão das mães, uma escolha em conjunto dos horários, do local da casa onde elas se desenvolverão: as mães deixam as crianças livres, mas colocam alguma restrição ou de cômodos, ou na forma de usá-los. Há pouca interferência das mães na escolha das brincadeiras, bem como ao sair sozinha, sem os pais. Boa parte também deixa livre o uso da TV durante o dia, havendo quem determine programas e horários sem ceder à criança; já à noite é mais comum que a mãe estabeleça a forma de uso da TV (Tabela 3).

Tabela 3 - Porcentagem de respostas das mães de meninos e de meninas nas classes indicativas de sua participação e da criança na determinação dos diversos aspectos investigados na área de atividades.

SITUAÇÕES	MÃES DE MENINOS (%)	MÃES DE MENINAS (%)	TOTAL (%)
- Determinação de atividades e horários			
D.M.	10	28	19
D.M.C.	48	40	45
D.C.	38	28	34
- Escolha de brinquedos nas compras			
D.M.	15	19	15
D.M.C.	25	17	26
D.C.	57	60	58
- Brincadeira			
D.M.	07	19	13
D.M.C.	19	26	23
D.C.	73	52	62
- Sair sem os pais			
D.M.	09	18	13
D.M.C.	05	04	04
D.C.	86	77	82
- Uso da casa nas brincadeiras			
D.M.	02	—	01
D.M.C.	97	96	96
D.C.	—	—	—
- Uso da TV - dia			
D.M.	41	25	34
D.M.C.	14	14	14
D.C.	41	57	49
- Uso da TV - noite			
D.M.	44	41	43
D.M.C.	25	27	26
D.C.	26	22	24

D.M. = determinação da mãe; D.M.C. = determinação conjunta; D.C. = determinação da criança.

A interferência das mães é pequena nos contatos do filho com outras crianças, ficando por conta dele buscá-lo e mantê-lo (Tabela 4).

Tabela 4 - Porcentagem de respostas das mães de meninos e de meninas nas classes indicativas de sua participação e da criança na determinação dos diversos aspectos investigados na área de contato social.

SITUAÇÕES	MÃES DE MENINOS (%)	MÃES DE MENINAS (%)	TOTAL (%)
- Fazer amigos			
D.M.	02		02
D.M.C.	24	38	31
D.C.	72	62	67
- Contato com amigos			
D.M.			
D.M.C.	30	33	31
D.C.	68	63	66

D.M. = determinação da mãe; D.M.C. = determinação conjunta; D.C. = determinação da criança.

Tabela 5 - Porcentagem de respostas das mães de meninos e de meninas nas classes indicativas de sua participação e da criança na determinação dos diversos aspectos investigados na área de hábitos de higiene.

SITUAÇÕES	MÃES DE MENINOS (%)	MÃES DE MENINAS (%)	TOTAL (%)
- Horário do banho			
D.M.	26	29	27
D.M.C.	46	40	44
D.C.	28	29	28
- Escolha da roupa			
D.M.	12	02	07
D.M.C.	74	65	70
D.C.	14	33	23
- Guardar a roupa			
D.M.	29	36	33
D.M.C.	36	50	43
D.C.	34	13	24
- Brincar com água, areia, terra			
D.M.	02	04	03
D.M.C.	07	21	14
D.C.	90	75	83

D.M. = determinação da mãe; D.M.C. = determinação conjunta; D.C. = determinação da criança.

Como regra de higiene (Tabela 5) as mães não abrem mão do banho diário: exigem, mas com menor rigidez, que ela guarde suas roupas e arrume seus brinquedos e é uma decisão comum no horário de banho a roupa a ser colocada; fica livre para a criança brincar com água, areia, terra, bem como andar descalça.

Na comparação entre respostas das mães de meninos e de meninas há diferenças, mas poucas e em situações específicas: por exemplo, é maior o número de mães de meninos que permitem que o filho vá para o cômodo onde ela se encontra (no meio da noite), que leia ou brinque com algum jogo na cama, que brinque com água, areia, terra, e ande descalço, mas também que controla o uso da TV durante o dia. Por outro lado, mais mães de meninas interferem na determinação das atividades gerais da criança, bem como exigem que a menina arrume as coisas com que brincou e guarde suas roupas, permitindo, por outro lado que a filha escolha a roupa que vai pôr (Tabelas 1 a 5).

DISCUSSÃO

A partir das descrições acima, poder-se-ia dizer que as mães:

- têm um número pequeno de normas para as quais exigem cumprimento: essas normas estão mais ligadas aos aspectos de higiene e saúde (regras de etiqueta são pouco adotadas), ou então a comportamentos bastante perturbadores ("para tudo tem um limite");
- dão toda liberdade de escolha à criança, deixando-a livre para tomar suas iniciativas;
- procuram manter uma estruturação da vida diária em termos de horários e organização da casa, mas não de forma insensível às solicitações da criança.

Este padrão de lidar com a criança evidencia diversos aspectos: primeiro a preocupação das mães com o desenvolvimento da autonomia e da independência do filho, pressupondo-se que elas o visualizam como capaz de tomar decisões, ainda que dentro de limites; esse perfil corresponde ao que na literatura aparece como adequado (Baumrind, 1966; Herbert, 1974; Chapman, 1974), porque enfatiza progressiva independência por parte da criança, sem que lhe deixem de ser colocados limites, condições para o aprendizado do respeito às normas que regulam a vida em sociedade.

Segundo, que este é, sem dúvida, um padrão moderno de educação de filhos, que sempre aponta para maior liberdade e autonomia para os filhos (Nogueira, 1962; Doumanis, 1983; Dias da Silva, 1986; Figueira, 1987; Romanelli, 1987; Biasoli-Alves, Caldana e Dias da Silva, 1989; Nicolaci-da-Costa, 1989).

Terceiro: é um padrão típico das camadas médias⁵ (Newson e Newson, 1974; Hoffmann, 1975; Fine, 1980; Nicolaci da-Costa, 1981; 1987), nas quais se refletiram de forma bastante intensa as mudanças decorrentes do processo de modernização atreladas ao incremento da industrialização.

Quarto: talvez por ser padrão moderno (de vanguarda), se tenha encontrado tanta disponibilidade por parte das mães em relatar que o controle da situação fica por conta da criança (Nogueira, 1962; Silva Neto, 1988; Biasoli-Alves e col., 1989).

⁵ Embora haja trabalhos que mostrem uma aproximação entre o modo de pensar a respeito de educação de filhos das mães de classes mais baixas com o divulgado pela *mídia*, não se pode afirmar que as práticas em si sejam semelhantes, dada a imensa diferença entre as condições de vida.

Vale a pena ainda ressaltar que a pouca diferença encontrada entre mães de meninas e meninos aponta no sentido de um padrão moderno onde o cuidado e educação oferecidos aos dois sexos tendem a se assemelhar em função da menor diferenciação de papéis femininos e masculinos (Nogueira, 1962; Nicolaci-da-Costa, 1985; Silva Neto, 1988); ao mesmo tempo, no entanto, a diferença encontrada parece ter uma ligação direta com a permissão de maior liberdade para os meninos (que podem ficar sujos, descalços, não devem ficar presos em casa e podem escolher mais o que fazer) e com a maior exigência de "bom comportamento" para as meninas (que devem ficar limpinhas e preocupar-se com a aparência, ao mesmo tempo que devem ser mais ordeiras), mostrando que permanecem existindo alguns elementos de um treinamento de papéis mais tradicionais, onde a autonomia e a liberdade são mais concedidos aos meninos que às meninas, tal como apontam Reis (1984), Vouillot, (1986) e Hoffmann (1979).

REFERÊNCIAS

- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control in children behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Biasoli-Alves, Z.M.M. (1985). *Desenvolvimento Humano*. Departamento de Psicologia e Educação FFCLRP - USP Ribeirão Preto (mimeo).
- Biasoli-Alves, Z.M.M., Caldana, R.H.L., & Dias da Silva, M.H.G.F. (1989). Família e práticas de educação da criança e do adolescente. Em D.G. Souza, V.L Otero, & Z.M.M. Biasoli-Alves (Org.) *Anais da XVIII Reunião Anual de Psicologia* (pp. 95-100). Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.
- Biasoli-Alves, Z.M.M., & Graminha, S.S.V. (1979). Roteiro Reestruturado de Biasoli-Alves e Graminha. Ribeirão Preto. FFCLRP/USP (mimeo).
- Chapman, A.H. (1974). *Management of emotional problems of children and adolescents*. Philadelphia: Y. B. Lippincott Company.
- Dias da Silva, M.H.G.F. (1986). A educação dos filhos *pequenos nos últimos cinquenta anos: a busca do "melhor"?* Tese de Mestrado - São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Doumanis, M. (1983). *Mothering in Greece: from collectivism to individualism*. London: Academic Press.
- Figueira, S.A. (1987). O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. Em S.A. Figueira (Org.). *Uma nova família? o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira* (p. 11-30). Rio de Janeiro: Zahar.
- Fine, E. (1980). The parent education movement: an introduction. Em E. Fine (Org.). *Handbook an parent education* (pp. 3-26). New York: Academic Press.
- Herbert, M. (1974). *Emotional problems of development in children*. New York: Academic Press.

- Herbert, M. (1985). *Problems of childhood*. London: Pan Books.
- Hoffmann, M.L. (1975). Desenvolvimento moral. Em L Carmichael, (Org.) *Manual de Psicologia da Criança*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Hoffmann, L.W. (1979). Experiência da primeira infância e realizações femininas. Em H. Bee (Org.). *Psicologia do Desenvolvimento: questões sociais* (pp. 45-65). Rio de Janeiro: Interamericana.
- Newson, T., & Newson, E. (1974). Cultural aspects of child rearing in the English - Speaking world. Em M.P.M. Richards. *The integration of a child into a social World*, (pp. 53-82). London: Cambridge University Press.
- Nicolaci-Da-Costa, A.M. (1981). "Privação Cultural", "Privação lingüística" e família. Em G. Velho, & S.A. Figueira (Org.). *Família, Psicologia e Sociedade* (pp. 183-215). Rio de Janeiro: Campus.
- Nicolaci-Da-Costa, A.M. (1985). Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. Em S.A. Figueira (Org.) *Cultura da Psicanálise* (pp. 165-68). São Paulo: Brasiliense.
- Nicolaci-Da-Costa, A.M. (1987). *Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social*. Rio de Janeiro: Campus.
- Nicolaci-Da-Costa, A.M. (1989). O processo de modernização da sociedade e seus efeitos sobre a família contemporânea. Em D.G. Souza, V.L. Otero, & Z.M.M. Biasoli-Alves, (Orgs.) *Anais da XVIII Reunião Anual de Psicologia* (pp. 101-107). Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.
- Nogueira, O. (1962). *Família e comunidade*. Rio de Janeiro: INEP/MEC.
- Rappaport, CR. (1981). Socialização. Em: CR. Rappaport (Org.) *Psicologia do desenvolvimento* (pp. 88-107). São Paulo: EPU.
- Reis, J.R.T. (1984). Família, emoção e ideologia. Em S.T.M. Lane, & W. Codo (Orgs.) *Psicologia Social* (pp. 99-124). São Paulo: Brasiliense.
- Romanelli, G. (1987). *Famílias e camadas médias: a trajetória da modernidade*. Tese de Doutorado. Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Rutter, M. (1975). *Helping Troubled Children*. London: Cox & Wyman.
- Sigolo, S.S.R.L. (1986). *Análise das práticas de educação utilizada com crianças portadoras de deficiência mental de 2 a 4 anos*. Tese de mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- Silva Neto, N.A. (1988). *Fragments de uma metamorfose: cuidado materno e cuidado psicoterapêutico*. São Paulo: EDUSP.
- Vouillot, F. (1986). Structuration des pratiques éducatives parentales selon le sexe de l'enfant. *Enfance*, 39 (4), 351-66.

Recebido em 28.08.91.

Aceito em 10.04.92